



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social: Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional

Sub-eixo: Formação profissional

VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE A TUTORIA DO PET SERVIÇO SOCIAL - ENTREVISTAS COM AS TUTORAS EGRESSAS

THAYNÁ OSÓRIO MONTEIRO ¹

ALICE VITÓRIA DO NASCIMENTO MACHADO DOS SANTOS ¹

RENAN BARROS ¹

ISABELA DE ARAUJO DOS SANTOS ¹

RESUMO

O presente texto apresenta a integralidade das reflexões e conteúdos levantados a partir das entrevistas com as tutoras egressas do Programa de Educação Tutorial (PET) Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O intuito é resgatar e salvaguardar as memórias construídas ao longo dos 15 anos de existência, explicitando a sua importância para a vida daqueles que passaram e contribuíram com o programa. A partir deste conteúdo resgatamos as memórias do Programa na Faculdade de Serviço Social, conhecendo elementos de sua história, sua caminhada, dificuldades e potencialidades.

Palavras-chaves: Educação; PET; Tutoria; Serviço Social.

ABSTRACT

The present text presents the completeness of the reflections and contents raised from the interviews with the tutors graduated from the Tutorial Education Program

¹ Estudante de Graduação. Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro

(PET) Social Service of the University of the State of Rio de Janeiro (UERJ). The aim is to rescue and safeguard the memories built over the 15 years of existence, explaining their importance for the lives of those who passed and contributed to the program. From this content, we rescued the memories of the Program at the Faculty of Social Service, knowing elements of its history, its path, difficulties and potentialities.

Keywords: Education; PET; Tutoring; Social Service.

INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) do Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), completou 15 anos em 2021, por conta disso o grupo decidiu fazer algumas ações comemorativas. Uma dessas ações foram entrevistas feitas com as antigas tutoras do programa, com o intuito de conhecer/saber um pouco mais como era a dinâmica do PET e a conjuntura do país quando elas atuaram na tutoria, identificando rebatimentos que a conjuntura e que governos traziam para o PET. O PET Serviço Social UERJ ao longo da sua história contou com sete tutoras que construíram as memórias, experiência e vivências no programa, foram elas as professoras da Faculdade de Serviço Social da UERJ Rosangela Barbosa, Alba Tereza, Elaine Marlova, Mônica Alencar, Carla Almeida, Simone Lessa e, a atual tutora do programa, Debora Lopes de Oliveira (julho de 2022 - julho de 2025). Ser tutor é mais que coordenar e organizar as relações de trabalho, mas seu objetivo é estimular o protagonismo dos bolsistas e auxiliar na aprendizagem através de reflexões e discussões, ultrapassando a passividade às vezes encontrada na relação entre aluno e professor, construindo um espaço de horizontalidade que possibilita a construção de novos saberes, desenvolvimento de habilidades e produção científica interligadas a tríade ensino, pesquisa e extensão.

A fim de resgatar a história e revisitar a memória, o grupo de 12 bolsistas, dividiu-se em trios para realizar as entrevistas com as tutoras egressas. As entrevistas ocorreram pela plataforma *Google Meet*, devido ao contexto de pandemia da COVID-19. Foi elaborado um roteiro de onze perguntas, que subsidiou a análise sobre o período histórico, a importância do Programa para as tutoras, para os/as/es alunos/as/es e para toda a comunidade externa, bem como o papel do PET para a sociedade. Após a entrevista, debatemos em grupo as semelhanças, diferenças e curiosidades observadas a partir da conjuntura à época de cada tutoria.

Acreditamos que o cotidiano do PET impacta nas experiências pedagógicas das docentes, além de influenciar o aprendizado e a permanência estudantil, como refletido em outros textos do presente material. A realização das entrevistas é uma forma de conhecer e homenagear essas mulheres, docentes, assistentes sociais, que ensinaram e aprenderam no cotidiano do Programa. Nosso desejo é de que todas se sintam fundamentais na formação petiana. Da mesma forma, que se sintam queridas e importantes para cada estudante que, com elas, estruturam o PET.

Nossa homenagem especial à memória da tutora Mônica Alencar que nos deixou recentemente, mas que permanece firme, viva, querida e admirada pelo PET Serviço Social. Mônica Alencar, presente!

1 A conjuntura política do Brasil entre o período de 2006 a 2021 e os impactos gerados no Programa.

No ano de 2006, a UERJ conquistou mais um grupo PET. A docente Rosângela Barbosa, fundou o grupo pensando em sua independência e na oportunidade de ter as bolsas. A condução do Governo Federal por uma gestão de perfil popular impactou no projeto educacional nas universidades. Este período de implementação inicial do PET na UERJ é visto por Rosângela como fundamental para trazer visibilidade ao Programa, destacando sua tríade composta pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em sua entrevista com o grupo, a ex-tutora

destaca a importância da extensão para tornar público o que era produzido pelos/as/es bolsistas e assim tornar o Programa mais conhecido na comunidade interna da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em 2008, a docente Alba Tereza ingressou como tutora e esteve no programa durante o Governo Lula, momento de grande investimento em políticas compensatórias, ampliando o acesso ao ensino superior, além de políticas de permanência, provendo bolsas de pesquisa. Em sua entrevista, Alba pontua que a UERJ teve impacto no ensino superior nacional por ser pioneira na institucionalização da política de cotas desde 2003. Havia atraso nos pagamentos das bolsas, o que prejudicava a permanência dos/as/es discentes. Cabe destacar que o período é marcado por muitas conquistas para o grupo, como a articulação com o Línguas para a Comunidade UERJ (LICOM-UERJ), programa de extensão do curso de Letras, que oferece aprendizado de idiomas para a comunidade.

Em 2010, início do governo Dilma, Elaine Marlova assume a gestão do PET. Em sua entrevista, a ex-tutora relata que a Universidade passava por dificuldades financeiras que seriam agravadas em gestões posteriores.

Marlova expõe que durante sua gestão, o pagamento de bolsas no PET ganha uma estabilidade em comparação a outras gestões, mas a verba do custeio chegava em dezembro e era preciso que as compras e a prestação de contas fossem realizadas em um curto prazo de tempo, algo que, segundo a ex-tutora, compromete o planejamento das atividades e que marca o Programa, ainda hoje.

Segundo Marlova, um importante passo para o programa foi a criação da Portaria nº 976, de 27 de julho de 2010, que regulamenta o PET e democratiza o acesso ao Programa, buscando romper com seu perfil elitista. A ex-tutora compara o PET ao mico-leão-dourado que “está em extinção, mas precisa ser cuidado” e cita que, se olharmos a história, o PET era um programa que poderia ser descartado, mas que resistiu e resiste, mesmo diante de tantos ataques. Logo, torna-se perceptível que sua força advém da luta coletiva de discentes e docentes que compõem o Programa. Para Marlova, o PET demanda luta, pois não impacta somente a vida e

formação de quem faz o programa, mas também a comunidade interna e externa à Universidade.

Após a tutoria de Marlova, o grupo foi comandado pela docente Mônica Alencar, porém, devido a questões de saúde, não conseguimos realizar sua entrevista. Nesta tutoria, o PET atuou junto à favela Metrô Mangueira, mapeando perfis das famílias que estavam sendo despejadas, oferecendo subsídios. Além disso, realizou um importante evento sobre os 50 anos da ditadura civil-militar no Brasil, resgatando histórias e pensando seus impactos na educação e na profissão. Mônica Alencar nos deixou em 2022, mas seu legado de afeto, competência e inteligência permanece.

Mais adiante, no ano de 2016, em meio a maior crise vivenciada pela UERJ, entre greves, desfinanciamento, falta de salários e paralisações, Carla Almeida assumiu a tutoria do PET com muitos desafios. Segundo Carla o grupo se revezava entre se reunir presencial e virtualmente, devido ao perigo apresentado em ir à UERJ sem que houvesse a corriqueira movimentação provocada pela presença de alunos/as/es e funcionários/as/es. Ademais, no período de crise em que outros grupos de extensão se mantiveram sem bolsas, o PET Serviço Social UERJ caracterizado como programa federal dentro de uma universidade estadual, continuou a receber seus recursos financeiros. Contudo, no cenário em que a direita se fortalecia e havia assumido o poder após o golpe sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff, a preocupação do grupo consistia em assegurar os valores democráticos que norteiam o PET e preservá-los para que não houvesse uma descaracterização de concepções. Outra preocupação dizia respeito ao financiamento do programa.

Salienta-se que os discursos conservadores e fascistas ganharam forças com a ascensão da direita na sociedade com impactos dentro da universidade. Na época, a pesquisa que seria produzida pelo PET Serviço Social estava relacionada ao tema “gênero, raça e classe”. Com receio de sofrer retaliações, o grupo optou por esperar pela aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa referente à proposta que havia sido desenvolvida. Com isso, haveria respaldo institucional antes que saíssem a campo

para a coleta de dados. Para Carla, esta pesquisa e o debate que promoveu após a sua finalização, em um evento realizado dentro da faculdade de Serviço Social, auxiliou que discentes e docentes construíssem dentro deste espaço uma outra sociabilidade, distante de concepções preconceituosas.

2 Resgate histórico do PET a partir das memórias das tutoras

Iniciamos a jornada das tutoras com a professora Rosângela Barbosa, que foi a precursora do programa. No edital divulgado pelo MEC, no ano de 2006, viu uma oportunidade de articular Ensino, Pesquisa e Extensão. A professora não tinha conhecimento do programa e na universidade só havia o PET Geografia e Odontologia. O PET despertou seu interesse pela articulação do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, por seu financiamento próprio, pelas bolsas, além de ser um projeto que gerava certa independência da Universidade.

Quando perguntada sobre a tutoria do programa, Rosângela afirma que é uma vocação assumir tal função. Quando questionada se na sua época de tutoria o contexto da UERJ afetou de alguma forma o programa, a professora afirma que a única dificuldade apresentada foi a questão da compreensão, por parte da reitoria, em entender o que seria o PET. Um passo importante foi inserir em atividades acadêmicas, como UERJ Sem Muros. A irregularidade das bolsas e seu baixo valor eram problemas. O financiamento que o grupo recebe anualmente, chegava próximo ao prazo final para ser utilizado, gerando uma certa urgência para a utilização do dinheiro. Outro problema relatado pela ex-tutora foi em relação à articulação com os outros PETs da Universidade, o de Odontologia e Geografia. A característica do programa é existir em articulação entre os programas. Por isso, foi preciso investir neste processo.

Rosângela relata que a implementação do programa foi uma vitória. A articulação com os outros grupos PET nos eventos do programa também foi colocada como um ponto positivo. Ela ressaltou um ponto importante: é possível que o PET hoje não

tenha mais a mesma função que tinha para o MEC naquela época (e, de fato, não tem). No atual governo Bolsonaro, é difícil traçar com precisão o papel do projeto educacional nas universidades. Na época da primeira tutoria, havia uma outra perspectiva e um outro contexto, levando em conta que o Ministro da Educação, Fernando Haddad, também tinha sido tutor de um Grupo PET da Universidade São Paulo (USP) e promoveu a valorização das ações do programa.

O Programa vinha de um período de transição para o Ministério da Educação, saindo do CNPq e ainda não tinha uma identidade. Com Haddad, houve a implementação de uma condução e avaliação mais transparente das ações dos programas.

Retomando o assunto sobre o que ela considera como êxito do PET Serviço Social, Rosângela diz que as atividades que foram criadas tiveram sua importância, mas as de extensão tornaram público o PET e o abriram à participação da comunidade externa sobre o que era desenvolvido pelos bolsistas.

A divulgação, informação e participação eram ações fundamentais para o programa. Como exemplo foi citado o Mural Informativo que ficava exposto no corredor do oitavo andar, que era feito a partir dos estudos internos sobre determinado tema. As oficinas que aconteciam entre os petianos também foram muito importantes, pois nelas os alunos aprendiam a programar, organizar e divulgar os eventos de uma forma eficiente. Outro êxito que a professora destaca foram as pesquisas desenvolvidas e que desdobraram-se em trabalhos de conclusão de curso, dando continuidade aos assuntos debatidos internamente.

Outro tema que foi trazido foi a importância da bolsa que o programa oferece aos tutores. Foi colocado que na época da implementação do programa, as bolsas sempre atrasavam, mas mesmo assim eram importantíssimas. Levando em conta a proporção do programa e o nível de dedicação às atividades de ensino, pesquisa e extensão, somadas às demandas individuais dos bolsistas que são atendidas pelo tutor, a bolsa tem um lugar fundamental visando estimular os resultados.

Também foi perguntado à professora quais foram as contribuições e influências que ela acredita ter deixado no programa. Ela coloca que acredita ter ficado pouco tempo para ter deixado grandes contribuições e que a maior delas foi ter trazido o programa para a Faculdade de Serviço Social da UERJ. Quando perguntada sobre qual a importância do programa PET na sociedade, a professora cita a qualificação da graduação e a formação de profissionais com experiência científica alargada que possibilita a ampliação de quadros de profissionais que vão direto para a pós-graduação, que é uma das naturezas do programa. Esse profissional mais qualificado vai poder atuar em políticas e pesquisas de maior qualidade para sociedade.

Já em relação a qual momento mais marcou a sua trajetória dentro do programa, a professora menciona a relação com os estudantes, o acompanhamento passando do início, meio e fim, na conclusão da graduação dos alunos, analisando a trajetória de amadurecimento dos mesmos. Rosângela analisa que uma das características positivas de um programa de longo prazo é construir laços com esses estudantes, enquanto observa a interação deles com a universidade, o que é uma experiência social nova para cada um deles.

Na última pergunta, “Como o PET influenciou na sua pessoal e profissional?”, a professora revela que do ponto de vista profissional, estar no PET a fez buscar recursos para a Universidade, destacando que vem de uma geração docente que buscou ampliar recursos para inserir mais alunos nas práticas acadêmicas.

A professora Rosângela analisa também que o PET permitiu conhecer melhor um programa federal. Lembra que aprendeu na marra a fazer o PET funcionar, articulando ensino, pesquisa e extensão e orientando os alunos nessa atividade. Para ela, desenvolvimento de tutoria foi especial, tanto em auxiliar na direção dos projetos em curso, quanto também no saber identificar o limite da autonomia dos estudantes, bem como por amparar os estudantes para produzir sua própria autonomia, respeitando o trabalho acadêmico, humanista, ética. Outra influência é o exercício da convivência acadêmica com alunos com personalidades tão distintas.

Isso marca também os próprios estudantes, que durante anos convivem, tudo com o intuito de desenvolver projetos coletivos e crescer. O PET é uma grande experiência de companheirismo entre estudantes e tutora.

A segunda tutoria foi assumida pela professora Alba em 2008. Quando perguntada sobre o que a motivou a fazer parte do PET, a Professora Alba nos disse que já conhecia um pouco da história do Programa e queria participar desse acompanhamento da graduação dos alunos dentro dos eixos de Ensino, Pesquisa e Extensão. Para ela, esse processo aperfeiçoaria a sua prática como educadora.

Quando perguntada sobre o período em que participou do Programa e o contexto histórico vigente, a professora nos diz que foi tutora durante os anos 2008, 2009 e 2010, que era o fim do segundo mandato do governo Luiz Inácio da Silva, que dava continuidade à política econômica dos governos Fernando Henrique Cardoso, articulando-a a políticas compensatórias, tais como: Bolsa Família, aumento real do salário mínimo, ProUni, FIES. A professora considera que esses programas refletiram na UERJ e ampliaram o acesso ao ensino superior. Ela lembra que, quando assumiu, era professora de oficinas que eram dadas aos alunos cotistas. Exclusivamente percebeu a mudança no perfil dos estudantes que as políticas afirmativas provocaram. No governo do Estado do Rio de Janeiro havia destaque para as políticas Política Pacificadora, Unidades de Pronto Atendimento, Restaurantes Populares, criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Na terceira pergunta, ao ser questionada sobre como a sua tutoria impactou o grupo, a professora respondeu que o impacto imediato foi imenso, pois, desde o início, buscou desenvolver o projeto e as atividades permanentes que a tutora antecessora tinha planejado. Ela destaca como o PET contribuiu para o Programa de Pós Graduação em Serviço Social da UERJ, pois os minicursos possibilitam que os alunos da pós graduação concretizem as horas de aula que eles precisam ter.

Após isso, é perguntado sobre quais foram as suas maiores dificuldades e êxitos

durante a sua tutoria. Quanto às dificuldades, cita a gestão administrativa, pois as prestações de contas e compra de materiais eram concentradas na antiga Sub-Reitoria de Graduação (SR1). Também comenta que só recebeu bolsa em um ano, pois o planejamento atrasou para chegar ao Ministério da Educação. Nessa época, houve uma articulação com o programa Línguas para a comunidade, no qual os petianos tinham acesso a cursos de idiomas. Outra dificuldade mencionada foi a participação do ENPESS, que seria na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nesse sentido, conta que conseguiram recursos para compra de passagem, mas não para custear a hospedagem. A partir disso, Alba relata que entrou em contato com a gestora onde havia o curso de Serviço Social, na UFES e foi feita uma articulação para que os/as alunos/as do PET/FSS UERJ se hospedassem nas residências dos/as integrantes do PET/FSS da UFES, algo que depois também se inverteu quando os/as mesmos/as necessitaram vir ao Rio de Janeiro. Destaca que sua experiência enquanto tutora se deu com um fortalecendo o outro. Outra conquista foi o espaço da sala do PET, que teve uma ampliação, algo que se fez necessário devido ao crescimento quanto ao número de petianos/as no PET/FSS UERJ.

Ao ser perguntada sobre os impactos do PET para a faculdade de Serviço Social, a professora destacou que o Programa teve impacto na semana de iniciação científica, que fazia os alunos quererem ir e conhecer o Programa. Nessa atividade, os alunos calouros eram levados a conhecer o PET.

Já quando a pergunta foi sobre a importância da bolsa para a tutoria, ela pontuou que as bolsas não podem ser ameaçadas. Pelo contrário, o pagamento deveria ter correção da inflação, pois precisa acompanhar os custos que o aluno tem. O professor-tutor exerce essa carga horária para além do previsto no plano de trabalho, por também ser professor da universidade. Em seguida, foi perguntado sobre as contribuições e influências deixadas no Programa. Alba analisa que a influência, a marca é coletiva, pois, de acordo com as palavras dela “Cada um vai somando um pouco”. Além disso, ela traz à tona a importância de ter dado

continuidade ao planejamento que a professora Rosângela criou.

Já em relação a importância do PET para a sociedade, a mesma responde que os alunos petianos egressos produzem ciência de qualidade e saem como profissionais qualificados, o que seria o grande retorno do Programa para a sociedade.

Quanto a ex-tutora Elaine Marlova se candidatou para o programa no final de 2009. A mesma menciona que veio de muitos cargos de gestão da faculdade e viu no PET a oportunidade de se reconectar com a graduação.

Marlova entrou no PET no final do governo Lula e início do governo Dilma, ambos do Partido dos Trabalhadores (PT). Diz que a UERJ passava por momentos difíceis, mas que ainda não tinha sido o momento mais grave. Ela segue falando sobre os feitos deste governo à época, com as universidades públicas, sobretudo as federais sendo reformadas para atender um número maior de estudantes, os cursos noturnos sendo criados, a implementação do sistema de cotas nas federais.

Relata que durante a sua tutoria, o pagamento das bolsas ganha uma estabilidade, mas por outro lado a verba de custeio, que chegava no início de dezembro e tinha só 15 dias para usar o valor de um ano inteiro e depois prestar contas. Comprometendo o planejamento das atividades.

A ex-tutora dá continuidade dizendo que somente em 2012 a UERJ começa a se preocupar mais com a institucionalização do Programa dentro da Universidade, e é criada a Coordenadoria de Avaliação, Projetos Especiais e Inovação (COPEI) no qual trazem uma interlocutora para ficar à frente desse contato com o MEC, a professora do Instituto Biomédico Paula Barradas.

Em relação a como o contexto histórico pode impactar o programa, a professora ressalta as Portarias de 2010, e a importância delas na democratização do acesso, saindo do perfil elitista e buscando que de fato ele fosse um programa de apoio à graduação. Negativamente ela diz que o PET poderia ser um programa descartado,

pois não era fundamental e quando olhamos para a sua história, vemos que ele resiste, mesmo diante de tantos ataques, inclusive no governo FHC.

A instituição da Portaria de 2010 trouxe benefícios para o Programa, possibilitando a ampliação de 12 vagas por grupo, mais voluntários e também visava maior integração dos grupos PET'S. Deste modo, a tutora exemplificou a ocorrência de diversos INTRAPETS que culminaram na atividade conjunta realizada em Ilha Grande no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), na qual o Serviço Social e a Geografia tiveram uma troca de saberes mais efetiva do que com a Odontologia que tinha uma perspectiva mais assistencialista da prestação de serviços junto à população local.

No que diz respeito às principais dificuldades, a entrevistada pontuou a não realização de atividades de extensão com a comunidade externa; a falta de financiamento pelo Programa e pela Universidade para todo o grupo participar dos encontros nacionais e regionais e a falta de comunicação entre os grupos.

Em relação ao impacto do PET na Faculdade de Serviço Social, a professora coloca que o principal impacto é a qualificação da formação na graduação e acrescenta que a relação entre o grupo e a unidade sempre foi de muita parceria.

Dessa forma, acredita que toda universidade deveria ter grupos PET's e todos os estudantes e docentes deveriam ter acesso. Isso porque, o Programa contradiz a lógica corporativista da Universidade que pode ser bem hostil para estudantes e docentes devido a processos de produtividade, competitividade e individualização. Sendo assim, o PET "É um mico-leão-dourado que temos que preservar", porque o Programa dá uma amostra para a sociedade de quão boa pode ser a Universidade Pública, mesmo em tempos de ensino remoto.

Quando perguntada sobre a importância da bolsa para a tutoria, Marlova diz que é importante para motivar o docente a se candidatar para o Programa, pois ao assumir a tutoria, acaba realizando uma carga horária extra às suas atividades obrigatórias na universidade. Além disso, serve como subsídio para o funcionamento do grupo

em alguns momentos, diante das problemáticas de repasse do custeio/financiamento do Programa.

Já em relação às contribuições que a professora acredita ter deixado para o PET, ela consegue visualizar algumas propostas que consolidaram durante sua tutoria, como a autonomia dos estudantes na realização das tarefas; a participação nos eventos regionais e nacionais; travar discussões sobre os rumos do PET; os grupos de estudos potencializam a apreensão dos conteúdos; o desenvolvimento de valores solidários entre os membros do grupo; e a promoção de experiências mais humanistas de pesquisa e trabalho profissional.

Quanto a importância do Programa para a sociedade, a ex tutora disse que na sua compreensão, o maior impacto do PET é pensar e oferecer possibilidades de novas metodologias de ensino e de vivência acadêmica e que apesar de ser um programa antigo, traz uma novidade na forma de pensar a possibilidade da construção coletiva, da autonomia e da liberdade de criação. Menciona também que o PET demonstra que os estudantes podem ter projetos individuais de pesquisa, sendo um lugar que possibilita que essas ideias apareçam e que sejam desenvolvidas.

Em seguida, Marlova diz que o que mais a marcou foi se dar conta que apesar do PET ser um programa pequeno, era muito potente. A ex-tutora diz que acredita que o programa a tornou uma pessoa melhor e uma professora melhor também, já que depois que passou pelo PET, se tornou uma docente mais atenta ao estudante, ouvindo mais e mais ligada às questões da graduação. Termina dizendo que o saldo sempre foi muito positivo e que talvez tenha até aprendido mais do que tenha deixado, e que por isso, é muito grata e muito honrada pelo PET.

Acreditamos na concepção que as experiências vivenciadas em cada tutoria, além de contribuir com a reflexão e construção da identidade acadêmica e profissional dos/as bolsistas, integram conhecimentos, produções, aprendizados, práticas, e bagagem que constituem a história do PET e enriquecem a trajetória do programa; a partir dessa perspectiva, faremos uma retrospectiva das principais experiências da tutoria de Mônica Alencar (In memoriam).

A entrevista com Mônica não ocorreu por motivos de saúde, por isso, realizamos uma pesquisa nos arquivos do PET e os relatos de sua tutoria foram baseados em relatórios, artigos, textos e informações de bolsistas egressos. Com o objetivo de assegurar atividades baseadas na interdisciplinaridade e de endossar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, Mônica assumiu a tutoria do grupo Pet da faculdade de Serviço Social em 1º de março de 2013.

Inicialmente foi realizada a pesquisa coletiva interdisciplinar “Projeto de Pesquisa Interdisciplinar Ação Integrada dos Grupos de Pesquisa PET-UERJ sobre a Comunidade de Dois Rios, na Ilha Grande-RJ” que produziu um perfil sócio-espacial de Ilha Grande e realizou um levantamento e atualização de dados pertinentes ao perfil sócio-econômico dos moradores locais da comunidade, através de pesquisa de campo relacionada ao uso de fontes secundárias de pesquisa, além disso, através da pesquisa em campo, foi investigado as necessidades sociais apresentadas pela população da comunidade em termos dos serviços públicos nas áreas de saúde, habitação, educação e assistência e a mobilidade da população local quanto ao uso e acesso de serviços imediatos como saúde, educação, lazer, consumo e outras necessidades básicas.

No ano de 2014 foi realizada a pesquisa coletiva “O PET na Universidade: concepções, práticas e experiências de sua trajetória na UERJ” que tinha como finalidade esclarecer os objetivos da educação tutorial através da reconstrução das possíveis diversidades de orientação, avaliar em que medida a educação tutorial cria as possibilidades para uma nova concepção relacionada à educação, em particular as práticas voltadas para a cidadania e resgatar a trajetória histórica dos grupos PET na UERJ.

Nesse mesmo ano, foi produzido o “Evento 50 Anos de Ditadura” que apresentou os resultados dos estudos e pesquisas, desenvolvidos ao longo de todo o ano, em torno do tema “Ditadura Civil-militar e Serviço Social”; o evento contou com a participação de Marilda Lamamoto, nome histórico na resistência política da profissão no contexto da ditadura civil-militar e para o movimento de reconceitualização

teórico-metodológica e ético-política do Serviço Social latinoamericano, e fez parte das atividades realizadas durante a Jornada Científica da FSS/UERJ que constituíram a agenda comemorativa dos 70 anos da Faculdade de Serviço Social da UERJ.

Foi também em 2014 que o PET Serviço Social UERJ participou da organização do XIV Encontro da Região Sudeste dos Grupos PET - Sudeste PET - que aconteceu na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O nosso grupo integrou a comissão organizadora do evento.

Em 2015, Núcleo de Terras e Habitação (NUTH) da Defensoria Pública do Município do Rio de Janeiro, junto à Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDEDICA) solicitou um levantamento de dados dos moradores da comunidade Metrô-Mangueira, localizada entre as Avenidas Radial Oeste, Presidente Castelo Branco e a Rua 8 de dezembro, próximo à UERJ. A pesquisa foi realizada pelo PET em parceria com professores/as da Faculdade de Serviço Social, com o Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) e com alunos/as da Graduação de Serviço Social UERJ e teve como objetivo embasar a Ação Civil Pública (ACP) para garantia da permanência das famílias que eram composta por crianças matriculadas em escolas e creches no entorno da Comunidade, até o final do ano letivo de 2015 e/ou até o próximo ano (2016) devido à situação escolar das crianças que lá residem. Tendo em vista a proximidade das instituições de ensino (escolas e instituições de educação infantil) com a comunidade, o remanejamento precoce das famílias em questão acarretaria sério entrave para essas crianças, por isso, era necessário garantir a essas famílias que seus direitos humanos seriam resguardados e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro atenderia à população através de programas específicos de habitação de interesse social.

É importante registrar o depoimento dos/as bolsistas egressos/as contemporâneos à tutoria de Mônica que afirmam que através dessa tutoria o grupo desenvolveu ainda mais a autogestão e desenvolveu a autonomia e participação dos bolsistas nas decisões e atividades do programa, assim como as ações necessárias aos meios

para realizá-las, o que levou ao amadurecimento de todo o grupo.

No final da tutoria da Mônica, Carla Almeida, achou que era o momento oportuno para seu ingresso e para se dedicar ao programa. Carla, ingressou em Março de 2016 e saiu em Março de 2019, período no qual ocorreu a crise no estado. Nesse ponto, Carla responde que a sensação era que a UERJ ia acabar, pois haviam professores e técnicos sem salários e estudantes sem bolsas. A universidade estava fechada e sem atividades.

Relata também que, por outro lado, a conjuntura que estávamos vivendo era de um processo duro em nível federal. Tivemos o Impeachment da Dilma, mas em 2016 também vimos o fortalecimento da direita no Brasil e como eles estavam se articulando, culminando na eleição de Bolsonaro.

Reforça que esses acontecimentos pegaram a UERJ em um momento de muita dificuldade, mas ao mesmo tempo com resistência, mobilização e eventos. Momentos onde vemos a “cara da Direita” e a Universidade fica muito visível, em 2017, com tensionamentos do que pode ou não ser dito na sala de aula.

Carla relata que no ano de 2017, o grupo estava começando a produzir a pesquisa de gênero, e a deixou preocupada com o tema que iriam abordar e que havia adiado ao máximo para não ir a campo enquanto não tivesse a aprovação do comitê de ética da pesquisa, pois teve receio de que houvesse retaliações e por isso precisavam de um respaldo institucional.

Dado o contexto histórico e o impacto que ocorre de forma positiva ou negativa. Carla relata que sempre havia o medo do programa acabar, pois ele é um programa que nasce com um propósito e depois é ressignificado, principalmente com a gestão do Haddad no qual se faz a entender o PET como um programa de permanência estudantil e democrático. Lógica no qual sempre está tensionada nos grandes eventos: ENAPET e SUDESTEPET.

O PET tem essa característica de ser um programa federal dentro de uma universidade estadual, e foi notório isso em 2016, quando as bolsas e salários foram suspensos, mas o PET não parou de pagar. O PET necessita da estrutura da UERJ, com isso muitas atividades programadas não puderam ser realizadas, e essa

realidade não era vivida nos outros programas a nível nacional, ocorrendo muita frustração, impactando o grupo.

Carla também expõe quais foram as maiores dificuldades e os êxitos durante o seu período como tutora do PET. Informa que uma dificuldade era a permanência dos estudantes na universidade, outra dificuldade na tutoria foi na questão do custeio, porque atrasava e tem que ser utilizado em um curto prazo. Não havia recurso suficiente para participar dos eventos, como o ENAPET E SUDESTEPET. Ela reflete que o ideal seria esse recurso ter dois momentos, um no começo do ano e outro no meio do ano.

Enfatizou que foram feitas muitas coisas como os eventos que ocorreram por conta da pesquisa e exemplificou o seminário internacional de Juiz de Fora, momento esse que foi muito interessante de trabalho e troca; O Sudeste PET, no qual teve uma experiência indescritível. O grupo inteiro tinha ido de ônibus, outro momento que a marcou bastante foi a Rota Cultural feita no Museu Casa do Pontal.

Quando perguntada sobre quais foram os impactos do PET na Faculdade de Serviço Social, ela informa que desde que o programa foi criado, ele tem um impacto positivo, por isso é necessário assegurar o financiamento do mesmo, que conta com 12 bolsistas. Em segundo, fala sobre o fator do impacto acadêmico, têm como saldo estudantes petianos que vão para o concurso, e atuam com qualidade. Aos que seguem a vida acadêmica, acabam por ir para a pós-graduação. Isso faz parte de um dos objetivos da universidade, que é fortalecer a vida profissional e acadêmica. Acredita que além do impacto nos estudantes, o programa também impacta as tutoras, fortalecendo o exercício da escuta, além de outros aprendizados.

Foi perguntada também sobre a importância que a bolsa possui para com a tutoria. Colocou que se faz muito importante, uma vez que não conseguiria realizar esse trabalho, ter essa dedicação com o programa, se tivesse que correr atrás de bolsas que possam existir por aí afim de financiar o mesmo.

Questionada sobre as contribuições ao programa, ela acredita ter deixado como tutora uma influência no programa, visto que cada tutora que passa deixa sua marca, com eixos diferentes de pesquisa e trabalho.

Carla destaca que foi feita uma atividade lúdica, sobre a leitura da literatura, de

grande impacto, e estava dentro do debate de gênero, raça e classe e ajudou a pensar em uma universidade livre de preconceitos e violências, fazendo o grupo perceber o quanto que ainda tem que construir dentro desse espaço um outro tipo de sociabilidade e como precisam mudar para além de valores, as estruturas que ainda são elitistas, que ainda excluem as mulheres negras, trans, trabalhadoras. Então, conseguiram falar sobre tudo isso por meio da literatura. Continua falando também sobre a atividade realizada do slam, feito com duas artistas, que expressaram a arte através da condição de mulher. A vinda do grupo teatral “Tá na rua”, realizando uma apresentação na concha acústica Marielle Franco também foi de grande impacto.

Em relação a importância do programa para a sociedade, a ex-tutora diz que acha que a ideia do PET para a sociedade está atrelada à importância da universidade para a sociedade. Reflete que um projeto de sociedade é algo que não se destina a formação de uma pessoa individualmente, e não deve ter uma ideia meritocrática. Outra coisa que o PET faz para a universidade e para a sociedade são os debates, com temas que às vezes a universidade está muito engessada para discutir.

Quando a pergunta foi sobre a relação do programa com a UERJ, Carla relata que sempre discutia no PET, que faltava uma institucionalidade maior dentro da UERJ, visto que só havia uma interlocutora com o MEC. Reforça que também, apesar da dificuldade, tiveram conquistas dentro da UERJ, como O Mostra PET, que era uma dentro da UERJ SEM MUROS. Outro ponto a ser destacado é a dificuldade de interlocução com outros programas do PET na UERJ. Por um lado positivo demonstra que a Faculdade de Serviço Social sempre apoiou o PET.

Por fim, a ex-tutora relata que o PET a modificou profissionalmente e pessoalmente, pois aprendeu muito com o PET, e saiu transformada nessa experiência. Ela afirma que é um programa muito potente.

CONCLUSÃO

O estudo da história através da produção da memória do PET Serviço Social UERJ é uma ferramenta fundamental para a análise do presente e a construção de

projetos futuros; se debruçar sobre o passado é entender que as experiências vividas e as sequências de acontecimentos são tendências e desafios ainda atuais. Pudemos inferir que o PET Serviço Social UERJ passou por diversas conjunturas sociopolíticas e mudanças estruturais em sua trajetória ao longo dos seus quinze anos. Em meio ao constante sucateamento, ao desmonte da educação pública e ao subfinanciamento permanente da pesquisa no Brasil, a história do Programa é a amostra de uma trajetória de resistência e luta para a formação e consolidação de uma universidade pública de qualidade.

Através da memória de cada tutora egressa, pudemos observar que esses impactos se apresentam de forma diferenciada, entretanto, alguns padrões permanecem, como o atraso nas bolsas e a dificuldade no recebimento e uso do custeio. Destarte, a memória coletiva se faz fundamental na aprendizagem e permanência do Programa, pois permite o reaproveitamento das experiências do passado, ajudando a garantir a sua continuidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 976, DE 27 DE JULHO DE 2010. Dispõe sobre o Programa de Educação Tutorial – PET. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14912-portaria-n-976&category_slug=dezembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ALMEIDA, Carla. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

BARBOSA, Rosângela. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

MARLOVA, Elaine. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021.

TEREZA, Alba. Entrevista concedida ao Programa de Educação Tutorial (PET). Rio de Janeiro, 11 mai. 2021